



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

A CAPELA DA SENHORA DA TOCHA

Arrumado ao sul das Caldas de Vizela, na freguesia de Santo Adrião, fica um castro pre-romano em cujo cimo se vê uma graciosa capelinha conhecida pelo nome da Senhora da Tocha.

Desde que das suas feições tive conhecimento, através duns sugestivos desenhos do grande Soares dos Reis na *Arte Portuguesa* (1882), estabeleci no meu programa de jornadas uma visita ao monumento, tanto me seduziu a sua arquitectura.

Das Caldas a Santo Adrião o caminho a pé faz-se sem esforço, mesmo com agrado, pela margem rio, cujo cenário cheio de encanto e pitoresco nos enleva ⁽¹⁾.

Passado o Vizela, para diante da igreja paroquial ⁽²⁾, ao lado direito, está o castro. Povoam-no humildes casas de colmo que negrejam pela encosta em numero avultado. A actividade agrícola local é manifesta.

(1) Ao vizelense Sr. António Caldas devo consignar aqui os meus agradecimentos pela utilissima companhia que me fez, de conjunto com o meu amigo Alvaro Portugal, para os quais, em seu entender, nada foi o sol de Junho que suportaram só pelo intuito de me serem agradáveis.

(2) Lancei um olhar pelo templo, que sabia ser de estilo românico. Não vi uma ruína como é costume, mas um restauro ignominioso e confrangedor. Mal empregado dinheiro da benemérita senhora que dêle se lembrou! Nada serviu ao monumento. Desde o dispauteiro da clara-boia com vidros de côres às paredes escaioladas, que acerbo de sandices! Nem vale entrar em minúcias.

Muito curiosas são as esculturas do cruzeiro próximo, representando o mistério da Trindade e S. Sebastião alvejado de setas, o sol e as estrélas, ingenuamente modelados segundo as normas românicas.

A subida ao castro faz-se com facilidade por um caminho suavemente lançado ao norte, entre frondes, que obliqua pela lombada do monte. A breve trecho surge-nos um alto escadório enviesado, nada menos de vinte e cinco degraus, que enfrenta a ermida; dois degraus mais e eis-nos no limiar.

Do acanhado planalto, onde irrompem ásperas rochas com grandes massas de quartzitos, a vista espraia-se em redor, desafoadamente, alcançando diversos povoados: Tagilde, S. Paio de Vizela, S. Faustino, Santa Comba de Regilde, Gémeos, Abação, Lapinha, Vizela...

O edificio está orientado, olhando portanto a sua frontaria o poente. Nesta face rasga-se a porta de ogiva rebaixada com duas caneladuras e três toros cilíndricos, que constituem tôda a sua frugal decoração, pois os mesmos silhares do muro lhe formam as ombreiras; a cuspide remata numa sineira cujas proporções desmedidas e estrutura mostram ser uma superfetação ⁽¹⁾.

Na fábrica, o que prende logo a atenção do arqueólogo é o coroamento ameiado, sem o qual a capela diminuto interêsse lhe despertaria. Ao encará-lo, ocorrerem-nos à memória outros similares, minhotos, os dos edificios das municipalidades de Guimarães e Viana do Castelo, caracterizadamente dos fins do século XV ou princípios do século XVI ⁽²⁾. A esta época deve corresponder a sua construção, que obras posteriores parcialmente alteraram.

(1) O desenho de Soares dos Reis não a acusa, o que faz crer existir ainda a sineira antiga, pequena, que o ponto de vista ocultava. Segundo me informaram o sino actual foi dado em troca do antigo.

(2) Abundam entre nós edificios onde os merlões desempenham uma função meramente decorativa. Essa decoração, que Haupt julgou «privativa da região do norte», estende-se a todo o país. Para não acumular exemplos, bastará citar a Sé e a ermida de S. Brás, em Evora, e a capela de S.º André, próximo a Beja. No Pôrto, um prédio na rua das Flores, já demolido, ostentava-a. Na ilha da Madeira, a igreja de Machico mostra-a também.

Este motivo, bastante frequente, encontra-se em edificios da época de D. Manuel, tendo sido ainda muito posteriormente adoptado, como se observa nalgumas casas solarengas, sobretudo nos muros exteriores, de Entre Douro e Minho.

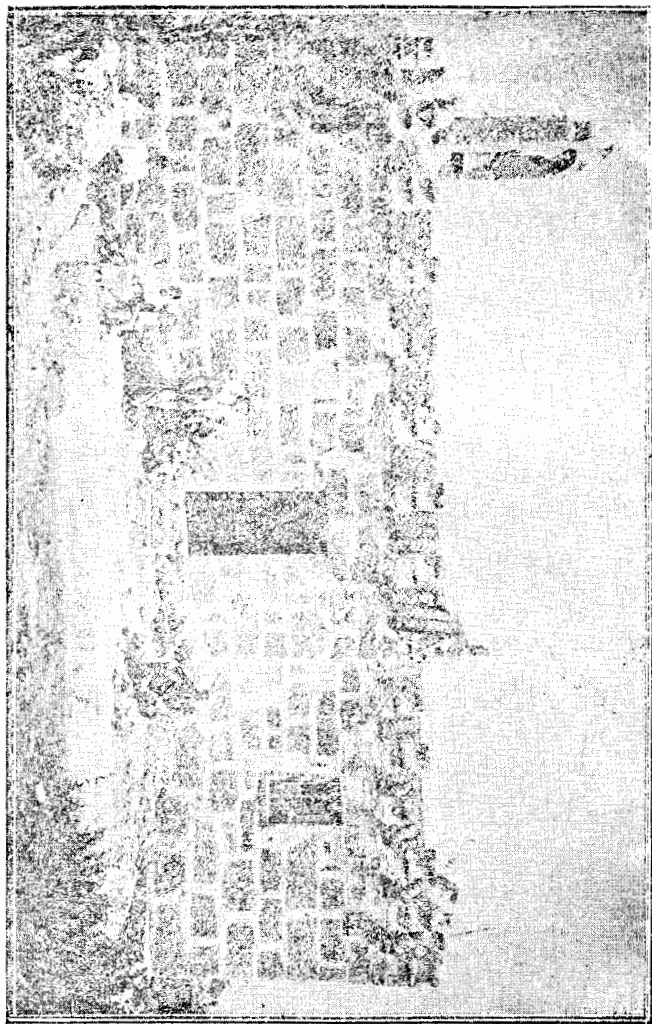


Fig. 1. CAPELA DA SENHORA DA TOCHA (LADO SUL)

Vale a pena observar com minúcia a fiada dos merlões, em número de trinta e nove, recortados em dois chanfros nas faces, dada a circunstância dos ornamentos que alguns ostentam. Nem todos são decorados, mesmo uma minoria o é, facto que não diminui o seu interesse. Na decoração verificam-se motivos peculiares ao românico, como a cabeça de cordeiro e as esferas, mais de uma vez repetidas. Porém a maior curiosidade da ornamentação está nos merlões dos cunhais do corpo principal, constituída por linhas geométricas que se entrecortam, lembrando certos sinais mágicos, como o signo-samão, muito em voga entre o nosso povo, e numa forma quasi esquemática da figura humana que duas vezes se patenteia ao lado da frontaria.

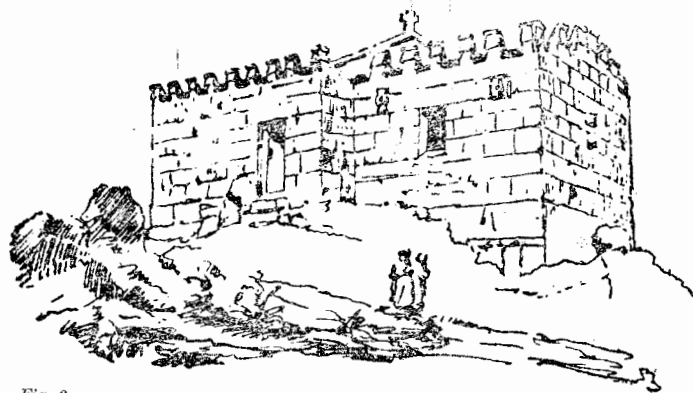


Fig. 2.

Pelas gravuras juntas, uma foto que colhi (fig. 1) e a reprodução dos desenhos de Soares dos Reis (figs. 2 e 3), altamente elucidativos, pode bem fazer-se uma ideia da singular capela e das suas características ornamentais.

A construção, de médio aparelho irregularmente talhado, é de dimensões reduzidas, medindo o corpo da capela uns seis metros de frente, por pouco mais de doze de fundo, dos quais uns quatro cabem à ábside. De primitivo, há a notar ainda a cruz que se eleva na altura do cruzeiro e as pequenas gárgulas que afloram nas paredes da capela-mor.

Internamente o templozinho está vazio na sua parte principal: uma pia de água benta a cada uma das entradas, sendo a da parte da frente de tipo antigo, eis tudo. Paredes nuas ressumando humidade, pavimento grosseiro em parte aproveitado da própria pedra do monte, desbastado, que entre-meia com tóscas lages mal unidas, e tecto de madeira, em forma de berço, constituem o recinto.

Um modesto arco triunfal, semelhante ao seu talho ogival ao da porta, abre-se na minúscula capela-mor de tecto de masseira onde apenas se vê um banalíssimo altar ⁽¹⁾, através dum gradeamento não menos banal. Estranhei este facto ao recordar a afirmação do comentador dos desenhos de Soares dos Reis na «Arte Portuguesa», Manuel M. Rodrigues, que dizia ⁽²⁾: «No interior da capela existe ainda (1882) uma grade de ferro de estilo gótico, de forma simples e que felizmente tem sido poupada às profanações... de que o pequeno edifício de que se trata, não foi já isento em parte». Ansiava observar tal grade, dada a mingua de trabalhos de ferro dessa época entre nós existentes; mas foi grande a decepção experimentada quando topei um corriqueiro trabalho de forja que julgo não ter iludido a perspicácia artística do antigo jornalista portuense.

Uma profanação completa dera-se por fim!

Sobreposto ao arco, está um nicho envidraçado. Abriga uma velha imagem da Virgem, em meio corpo, colorida, manto azul e vermelho, com ressaibos escultóricos do período românico. Sustenta na mão esquerda

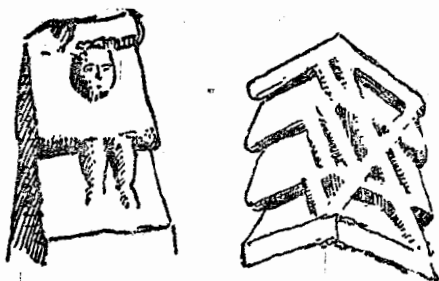


Fig. 3.

o menino, empunhando na direita uma vela. E' de calcáreo. A seu respeito esclarece Martins Sarmiento ⁽¹⁾: «Deixou o lugar de honra (Senhora da Tocha) mas ocupa ainda um plano secundário com a designação de Santa Capeluda ⁽²⁾, que lhe deram decerto em troca do que perdeu»; foi «destronada pela moda mas não absolutamente desprezada». A imagem que se lhe antepôs e está na capela-mor, é moderna: é hoje a verdadeira Senhora da Tocha.

O onomástico do orago em referência merece ser considerado.

A propósito lembrei o que refere o inolvidável Martins Sarmiento ⁽³⁾: «O castro, mais conhecido pelo nome de monte da Senhora da Tocha, pronunciado não sabemos porque Senhora Datocha, reúne todas as condições topográficas duma genuína povoação pre-romana». O modo de pronúncia, que não escapou à arguta observação do arqueólogo vimaranense, sugere-me outra origem do nome da Senhora. Assim, éle não adviria, como parece crível, do facto de ter a imagem nma vela na mão ⁽⁴⁾, mas reportar-se-ia a essa outra imagem, que, segundo a tradição, em tempos remotos um apóstolo da Antioquia trouxe à Península, e à qual foi erigida nos arrabaldes de Madrid uma ermida em seu louvor, sita nuns terrenos semeados de esparto (*atochaes*), pelo que tomou o nome de N. S. de los *Atochaes* ou de *Atocha*. E' padroeira de Madrid e tem hoje uma magnífica basilica.

¿ Não será esta a origem verdadeira do nome da Senhora que o modo de pronúncia através dos tempos parece justificar? ¿ Relacionar-se há ainda a denomi-

⁽¹⁾ *Rev. de Guimarães*, I ano, 1884, pg. 172.

⁽²⁾ No seu artigo Manuel M. Rodrigues observa que a capela da Senhora da Tocha é vulgarmente conhecida pelos povos da localidade por capela de Santa Capeluda, parecendo assim que as duas designações correspondem à mesma figuração cristã.

⁽³⁾ *Log. cit.*, pg. 171.

⁽⁴⁾ A circunstância da vela (tocha) que a Senhora patenteia é razão mínima, pois outras Senhoras, como a da Luz e a das Candeias, a ostentam também. Deve-se recordar que *atocho* ou *tocho* traduz figuradamente, entre nós — pedido, imploração. O termo poderia designar assim a Senhora a quem se recorre em aflitivos momentos.

⁽¹⁾ E' de nossos dias. O anterior, referiram-me, estava muito arruinado.

⁽²⁾ *A Arte Portuguesa*, I ano, Pôrto, 1882, pg. 70.

nação de Santa Capeluda com o manto de tipo oriental, espécie de amplo capeliço, da imagem espanhola?

Sem as impor peremptoriamente, creio não serem estas razões de todo descabidas.

O outeiro onde a ermida se ergue, «completamente isolado por todos os lados», evidencia restos, por Sarmento estudados, que o caracterizam como um castro anterior ao domínio romano. Daí deriva outro nome pelo qual a mesma Senhora é designada na localidade — Nossa Senhora do Castro. A propósito dum clamor que de S. Paio de Vizela se dirigia à capela na terceira sexta-feira de quaresma, tal se vê no *Portugal Antigo e Moderno* ⁽¹⁾.

São, como se sabe, freqüentes nos nossos castros as capelinhas onde se veneram variados santos e a Virgem sob diversas invocações. Vem a propósito citar o seguinte trecho do malogrado escritor Dr. Manuel de Oliveira, inserto na *Portugália* ⁽²⁾:

«Seria interessante investigar a origem das ermidas de que há notícia em grande número de castros, umas expostas ao culto, outras abandonadas e outras completamente destruídas... Ao tempo dos invasores, os castros eram ainda povoados e a cristianização de seus habitantes estava feita pelo menos na região galaica e portanto no Norte de Portugal de hoje. Muito possivelmente essas ermidas, que geralmente ocupam o centro dos castros, eram os antigos templos luso-romanos apropriados ao culto da nova religião e foram porventura os primeiros templos cristãos da península».

Sem contrariar a opinião, o certo é não se nos depararem agora nestes locais construções muito antigas, o que se explica talvez pelo abandono a que foram votadas as eminências para o culto habitual em vista das dificuldades de acesso, só as aproveitando depois os fiéis em peregrinações periódicas. De facto as ermidas em condições similares são recentes, podendo mesmo considerar-se a da Senhora da Tocha como uma das mais propectas. Do período românico rareiam em extremo.

⁽¹⁾ Vol. XII, pg. 1965.

⁽²⁾ Tôm. II, pg. 667.

«A capela, diz M. Sarmento, é atribuída aos mouros, como muitas outras do nosso país, — o que pouco significa, mas significa alguma coisa» ⁽¹⁾. Significará assim, que, pelas suas características architectónicas, não afeire grande senectude, sendo de presumir que outra fábrica anterior a tivesse precedido no lugar.

A Senhora da Tocha, que tem a sua festa a 19 de Março ⁽²⁾ quási caída em desuso, é advogada das parturientes. Sempre que uma mulher da localidade tem o seu bom sucesso, pela voz festiva do bronze, em repiques seguidos, todos nas imediações o ficam sabendo, costume curioso ao presente ainda inalterável. Desejei ouvir o famigerado sino, afinal moderno, sempre a jeito de ser tangido à custa duma escada de mão permanentemente amarrada à frontaria, cujo som claro e vibrante se espraia por alguns quilómetros em redor. Foi-me satisfeita a vontade. O som alegrou-me e fez-me compreender a satisfação que essa pobre gente terá em o escutar, festejando habitualmente um espírito que brota, em vez de carpir em lúgubre toada uma vida que finda.

Belíssima tradição!

Não faltam à Senhora as lendas da moirama que Martins Sarmento ainda em altura propícia ouviu e recolheu ⁽³⁾.

Hoje creio que êsses contos, mantidos pelos séculos fora de pais a filhos, com a ingenuidade tocante de quem cumpria uma obrigação, aprendendo-os e transmitindo-os, se esvaíram por completo. Quem interroguei, nada me soube dizer acerca dêles. Parece desdenharem-se agora êssas referências tradicionais, como lérias próprias de velhas tagarelas, que se devem esquecer e desprezar, por indignas de pessoas muito empenhadas em compartilhar das conquistas da sociedade...

PEDRO VITORINO.

⁽¹⁾ Log. cit., pg. 172.

⁽²⁾ Nesta ocasião era costume iluminar o monte com montões de pinhas a arder.

⁽³⁾ Log. cit.